

## Estudo exegetico de Juízes 5

*Ângela Cabrera*

### Resumo

Os capítulos 4 e 5 de Juízes narram, com algumas variações, a vitória de tribos israelitas no norte, na sua etapa pré-monárquica. Neste estudo tentaremos descobrir as causas e conseqüências do conflito bélico. Juízes 4 se apresenta em forma de prosa e o capítulo 5, mais antigo, em forma de poesia. É conveniente, pois, estudar os textos como unidades literárias relacionadas. No entanto, este trabalho pretende aprofundar, mediante ferramentas exegeticas, na narrativa do capítulo 5, sem deixar de fazer referência ao 4. Para a pesquisa sobre nosso objeto de estudo seguiremos os seguintes passos: o texto e sua tradução; proposta divisória; poesia; data e lugar e assuntos de conteúdos.

**Palavras chave:** Débora – tribos camponesas – palacianos – guerra - solidariedade

### Abstract

With variations and in a pre-monarchical stage, chapters 4 and 5 of Judges recite the victory of Israeli tribes in the north. This study tries to discover the causes and consequences of the military conflict. Judges 4 is presented in a prose form and the oldest chapter 5 in a poetry form. Therefore it is convenient to study the texts as related literary units. However, even referring to chapter 4, this research intends to deepen in the narrative of chapter 5 through exegetical tools. For the research on the subject of our study we will follow these steps: the text and its translation; dividing proposal; poetry; date and place; and matters of contents.

**Keywords:** Deborah – peasant tribes – palatines – war – solidarity

### ***O texto e sua tradução (hebraico-português)***

v.1- E cantou<sup>1</sup> Débora e Barac, filho de Abinoem, naquele dia, para dizer:

v.2- Por soltar<sup>2</sup> cabeleiras em Israel,

por oferecer-se voluntário, bendizei um povo a Javé.

v.3- Escutai reis!,

escutai príncipes!,

eu a Javé, eu cantarei,

entoarei um hino a Javé, Deus de Israel.

v.4- Javé, em teu sair de Seir,

em teu avançar desde campos de Edom:

(a) terra tremeu.

Em especial, céus gotejaram,

também nuvens gotejaram água,

(v.5) montes manaram diante de Javé, aquele (do) Sinai,

diante de Javé, Deus de Israel.

v.6-Nos dias de Samgar, filho de Anat, nos dias de Jael, terminaram caminhos,

e os que iam caminhos, iam sendas tortuosas

v.7- Engordaram camponeses em Israel,

engordaram quando Débora, tu surgiste,

surgiste, mãe em Israel.

v.8- Escolhia deuses novos, então guerra (nas) portas,

escudo não se via nem lança, entre quarenta mil em Israel!

---

<sup>1</sup> Imperfeito do qal. Raiz: *xyr*: cantar.

<sup>2</sup> Infinitivo do qal. Raiz: *pr*: deixar cair, soltar, desgrenhar, estar desenfreado/desordenado.

ISSN: 1980-9824 | Volume IV - Ano 2 | Novembro de 2008

v.9- Meu coração para comandantes de Israel,

os que se ofereceram voluntariamente no povo, bendizei a Javé!

v.10- (Os) que cavalgais jumentas brancas,

que se sentam sobre tapetes,

e que ides pelos caminho, meditem.

v.11-Desde (a) voz de distribuidores entre bebedouros, aí se celebram (as) justičas de Javé,

justičas de camponeses em Israel,

então desceram para os portões (o) povo de Javé.

v.12- Desperta!<sup>3</sup>

desperta, Débora!

desperta! esperta! entoa cântico!

Levanta Barac! e prende teus cativos, filho de Abinoem!

13- Então desceu sobrevivente para majestoso povo,

Javé desceu para mim entre os guerreiros.

v.14- Desde Efraim, sua raiz em Amalec,

detrás de ti Benjamim, com tuas tropas.

Desde Maquir descenderam lideranças,

e desde Zabulon desceram com vara de comando.

v.15 -E meus comandantes com Issacar, com Débora, e com Issacar

e da mesma forma Barac no vale (foi) enviado com seus combatentes.

Nas divisões de Rúben, grandes indagações de coração.

v.16- Por que permaneceste entre os apriscos para escutar zombarias de rebanhos?

Para (as) divisões de Rúben indagações<sup>4</sup> de coração.

<sup>3</sup> 4 imperativos do qal. Raiz: 'vr: estar desperto, vigiar, montar guarda, alerta! Is 51,9; Zc 13,7; SI 44,24; 57,9.

- v.17- Galaad na outra margem do Jordan habitava,  
e Dã, por que vives como estrangeiro em navios?  
Aser permaneceu à costa dos mares e sobre seus portos permanece.
- v.18- Zabulon, povo (que) enfrentou<sup>5</sup> sua pessoa para morrer,  
e Neftali sobre alturas de campo.
- v.19- Vieram reis (foram) combatidos,  
então pelejaram reis de Canaã em Tanac,  
sobre águas de Meguido, lucro<sup>6</sup> de prata não tomaram.
- v.20- Desde céus lutaram as estrelas,  
desde suas órbitas lutaram contra Sísara.
- v.21- (O) torrente Quison os arrastou,  
torrente antiqüíssimo, torrente de Quison:  
marcha alma minha, vigorosamente!
- v.22- Então golpearam cascos de cavalo, de galopes, de galopes seus corcéis.
- v.23- Maldigam<sup>7</sup> Meros! disse (o) anjo de Javé,  
maldigam, maldigam seus moradores:  
porque não vieram em ajuda de Javé,  
em ajuda de Javé contras os fortes.
- v.24- Seja bendita entre as mulheres Jael, esposa de Héber, o quenita,  
entre mulheres, na tenda, seja bendita.

---

<sup>4</sup> Nome comum, masculino, plural: *heqeb*, o ato de indagar, investigação, averiguações, inspecionar (Jz 18,2; Ez 39,14).

<sup>5</sup> Perfeito do piel. Raiz: *hrf*: afrontar, injuriar, insultar, desprezar sua vida, expor-se à derrota, desafiar, 1Sm 17,10.25.36.45.

<sup>6</sup> Nome masculino, *basa*: lucro, ganho, interesse, proveito, suborno. Ganho em dinheiro, ganho injusto.

<sup>7</sup> Imperativo do qal. Raiz: *'rr* maldizer, lançar/pronunciar uma maldição (Js 6,26).

- v.25- Água pediu, leite deu ela,  
em copa de nobres serviu-lhe creme.
- v.26- Sua mão para estaca tendeu ela, e sua direita para (o) martelo de trabalhadores,  
e golpeou a Sísara,  
quebrou-lhe sua cabeça,  
e quebrou-lhe, e atravessou-lhe sua têmpera.
- v.27- Entre seus pés ele desabou<sup>8</sup>, caiu, ficou deitado,  
entre seu pés se desabou, caiu  
tombou onde ele desabou, aí tombou, morto.
- v.28- Através da janela assomou-se, e gemeu (a) mãe de Sísara  
através da grade: por que tarda seu carro para vir?  
Por que se retraçam (os) passos de seus carros?
- v.29- A mais sábia das suas donzelas lhe responde,  
ainda ela responde suas palavras a ela.
- v.30- Acaso encontraram, se repartem saque?  
Uma jovem, duas jovens por cabeça de homem!,  
saque de tecidos de cores para Sísara,  
saque de tecidos de cores bordado,  
tecido de cor de dobre bordado para pescoço de saque.
- v.31- Assim perecem todos teus agressores, Javé!  
e (os que) te amam (são) como (o) sair do sol na sua força!  
e descansou a terra quarenta anos.

---

<sup>8</sup> Perfeito do qal. Raiz: *kr'*: encurvar-se, inclinar-se, dobrar-se. Associados à derrota (Is 10,40).

## **Proposta divisória**

### *Cabeçalho*

v.1 atribuição da peça poética a Débora e Barac

*Abertura do triunfo bélico, alternado com cenas guerreiras entre camponeses e palacianos - Em forma de introdução (v.2-5)*

v.2- disposição para a guerra da parte dos camponeses israelitas

v.3- convocação dos palacianos para escutar o canto de vitória (antecipação narrativa)

v.4-5- apresentação do Deus guerreiro encabeçando a luta camponesa

*Núcleo poético. Concentra os atos justos das lideranças guerreiras: Javé e Débora, (v.6-23) dividido em 4 estrofes:*

v.6-11- situação de desânimo em Israel (o texto manifesta o conflito)

v.12-18- chamamento e reposta dos guerreiros israelitas para a luta (retomada do v.2 e fornecimento de dados sobre combatentes e não combatentes)

v.19-22- apresentação dos guerreiros contrários chamados “cananeus” comandados por um chamado de “Sísara” (a narrativa coloca nome ao exercito inimigo dos israelitas camponeses)

v.23- um pronunciamento contra Meros (acrescenta-se novas informações sobre esta cidade não envolvida na guerra)

*Derrota definitiva dos inimigos e vitória camponesa liderada por mulheres (v.24-30)*

v.24-27: cantam a morte de Sísara (núcleo triunfal)

v.28-30: confusão da mãe de Sísara e suas donzelas (ironia das mulheres palacianas)

*Conclusão da narrativa (v.31)*

Fechamento da unidade literária (anátema sobre os inimigos opressores)

### ***Breves considerações sobre a poesia de Juizes 5***

Jz 5 se apresenta como um texto poético. Ele se distingue, como toda poesia hebraica, pela repetição de sentido de suas frases inseridas em suas respectivas subunidades de sentido. O conteúdo transmitido através desta poesia se encontra esparzido mediante a técnica de repetições. Na medida que se retoma o sentido, o texto vai fornecendo novos conteúdos. Aqui, justamente, nos achamos de frente com a poesia hebraica, com a sua riqueza e sua complexidade.

### ***Algumas dicas sobre a data e o lugar***

Para tentar acercarmos a uma proposta de datação de Jz 5, temos que lidar com várias dicas. O primeiro é que nosso objeto de estudo, como parte do livro de Juizes, não é alheio à sombra deuteronômica que em tempos do exílio (587 a.C.) se deu a tarefa de reescrever sua história. Um dos fatos mais evidentes é que Jz 5 fala de reis de cananeus atuantes, mas que já foram mortos ao fio de espada nas narrações do livro de Josué (comparar Jz 5,19 com Js 11,11-13). Isto indica que nossa narração atual (Jz 5) está filtrada pela obra deuteronômica, mas sua origem é bem antiga. Carlos Dreher reforça este último argumento quando diz que a tribo de Dão citada em Jz 5,17 ainda não se transferiu para o norte e vive no sul.<sup>9</sup> Além do mais, o texto indica ser uma

---

<sup>9</sup> Carlos Dreher, A formação social do Israel pré-estatal – Uma narrativa de reconstrução histórica, a partir do cântico de Débora (Juizes 5), em *Centro de Estudos Bíblicos*, n.49, São Leopoldo, CEBl, 1992, p.37.

composição não distante dos acontecimentos que narra, por isso achamos prudente situá-lo na primeira metade do século 12.

Com relação a seu lugar, tanto 4,7 como 5,21 indicam que a controvérsia e a vitória acontecem na torrente do Rio Quison. Com estas informações passamos, agora, a outro momento do estudo.

#### V) Vejamos assuntos de conteúdo

Uma vez familiarizados com o texto, sua forma, seu lugar e data de origem temos o caminho aberto para a reconstrução de conteúdos. Vamos iniciar pelo cabeçalho e depois forneceremos, de maneira resumida, a interpretação de cada estrofe.

O nome de Barac, no cabeçalho (v.1) aparece após o nome de Débora. Ele, como co-autor do canto, é suspeito nesse espaço. A informação deste cabeçalho não é coesa com a narrativa onde ele aparece duas vezes (v.12.15). No entanto, Débora lidera o sentido antropológico do texto, em parceria com Javé, que concentra o sentido teológico. Aqui a poética do capítulo 5 se diferencia da prosa (cap.4) que destaca Barac, evidenciando sinais deuteronomista. Estamos, com o v.1, ante um acréscimo posterior? Pelo visto temos mais evidências para afirmar, que para duvidar.

Conforme a estrutura, os v.2-5 funcionam como introdução do texto. Estes versículos abrem o auditório da celebração triunfal: Israel, povos, reis e príncipes. Por sua vez fornecem cenas do começo da batalha. A primeira frase do v.2 está, segundo a gramática hebraica, em modo construto (palavras em mútua relação, inseparáveis dentro da frase) “por soltar cabeleiras”. Este construto está formado por um infinitivo do *qal*, *pr* “deixar cair”, mais a forma substantivada do verbo: *pera* “cabeleira”.<sup>10</sup> Isto é importante porque se trata do ponto de partida bélico. Aqui está se indicando que as ações do v.2 têm a ver com a disposição e o empreendimento dos guerreiros camponeses para a luta contra os inimigos palacianos que Jz 5 chama de “cananeus” (21.23).

---

<sup>10</sup> Milton Schwantes, *pr* “deixar cair”, em *Dicionário hebraico – português e aramaico – português*, São Leopoldo/Petrópolis, Sinodal/Vozes, 2004, p.199.



Segundo a teologia conflituosa do texto, sair voluntariamente para a guerra e as bênçãos estão relacionadas. A frase do v.2: “por oferecer-se voluntário, bendizei um povo a Javé”, se repete no v.9: “os que se ofereceram voluntariamente no povo, bendizei a Javé!”, poderia isto ser o refrão do canto? Vamos a deixar a possibilidade aberta, mas o certo é que estamos ante uma unidade literária consolidada pela forma e conteúdo.

A introdução destaca Javé como Deus de Israel (v.3), aquele do Sinai (v.5). Esta referência mostra uma teologia em evolução. O Deus dos camponeses não está fixo no monte, agora se encaminha para a guerra. Segundo os v.4-5 a saída de Javé e seus lutadores partem de Seir, passando por Edom, em cuja presença a terra tremeu e os céus gotejaram; as nuvens gotejaram e os montes manaram. Esta idéia será retomada novamente no v.20, ali falaremos dela. Por agora a introdução deixa claro que neste contraste espacial está se indicando, desde o início, o envolvimento direto de Javé na vitória.

O pensamento com o qual termina a introdução (v.2-5) tem continuidade no v.6 que abre o núcleo poético do canto e, como vimos, está dividido em 4 estrofes. Vejamos o conteúdo da primeira (v.6-11).

O v.6 nos apresenta os primeiros nomes próprios estrangeiros: Sambar (Jz 1,33), Anat e Jael e se abrem as portas para conhecer o conflito. Na história vital do texto os palacianos, chamados cananeus, fecharam os caminhos que serviam de ponte entre Efraim e Manassés, na zona de Samaria, e Naftali e Zebulon, mais ao norte, na zona de Galiléia. Sem caravanas é fácil deduzir que o comércio era efetuado por desvios, por isso o texto fala de “sendas tortuosas” (v.6); os caminhos estavam fechados.

A primeira frase do v.7 revela um dado importante da história do texto: “engordaram camponeses em Israel”. Confirmamos que o verbo da frase *hdl* também pode ser traduzido por “engordar”, “ter sucesso”.<sup>11</sup> Sendo assim, o

---

<sup>11</sup> Milton Schwantes, *hdl* “engordar”, em *Dicionário hebraico – português e aramaico – português* p.64.

conflito é compreensível se relacionamos as frases da estrofe: ao se fechar os caminhos (v.6) os camponeses podiam se apropriar dos produtos agrícolas que os palacianos carregavam pelos desvios. Isto era, pois, saques alimentícios, daqueles que lhe foi roubado aos camponeses.<sup>12</sup>

Estamos, com Jz 5, no século 12, ou seja, numa economia israelita orientada pelo mercado. Segundo a arqueologia, Israel teria conquistado novas técnicas de produção agrícola e teria experimentado avanços na indústria artesanal (v.30).<sup>13</sup> Mas este progresso era usufruído pelos senhores da cidade, promotores de deuses legitimadores do poder e objetos de guerra nos portões/cidades (v.8). A ausência de escudo da que se faz menção no v.8 fala da precariedade de armamentos de guerra do povo camponês. Com tantas confusões se viveu um tempo do desânimo e desalento nas aldeias de Israel até que Débora surge como mãe do povo (v.7).

Na seqüência de sentido, mãe, no v.7 seria aquela que busca, onde for e como for, comida para seus filhos. Esta mulher inquieta revoltou o povo para a luta contra os exploradores, e os camponeses voltaram a comer. Débora tem assumido, desta maneira, a maternidade do povo. Observamos que a frase “surgiste, mãe de Israel” faz coesão com as frases “entoarei um hino a Javé, Deus de Israel (v.3) e “diante de ti, Deus de Israel” (v.5). Isto abre mão para interpretar que os atos de justiça que usufrui o povo provêm mediante o Deus e a Mãe de Israel. Com a imagem da Débora maternal o objetivo da guerra fica claro, a defesa da vida e a preservação da herança e o sustento israelita; também fica evidente que o universo feminino, localizado no texto, passou a formar parte da dimensão política, militar e religiosa, áreas designadas ao mundo masculino.

---

<sup>12</sup> Ver comentário de Carlos Dreher, *A formação social do Israel pré-estatal – Uma narrativa de reconstrução histórica, a partir do cântico de Débora (Juízes 5)*, p.18-19.

<sup>13</sup> Conferir: Haroldo Reimer, *Leis de mercado e direito dos pobres na Bíblia Hebraica*, em *Estudos Bíblicos*, São Leopoldo/Petrópolis, n.69, 2001, p.9-18.

O v.9, como vimos, retoma a frase do v.2, o que pode ser considerado refrão. Imediatamente o v.10 volta ao sentido do v.3 fazendo um chamado aos palacianos para que sejam testemunhas do triunfo.

Seguidamente o v.11, último da primeira estrofe do núcleo poético (v.6-11), parece chegar meio confuso, mas ele desnuda o texto confirmando a existência de uma narração feminina. Os bebedouros são espaços de mulheres, onde iam por água (1Sam 9,11). Também os camponeses iam a estes poços para abastecer de águas seus animais (Gn 24,11-21). É muito interessante que Jz 5 apresenta o bebedouro como lugar de culto, e não o templo, porque não existe. A ausência de sacerdotes se faz sentir, aqui só contamos com mulheres e homens camponeses como lideranças religiosas.

Além do mais, observemos a bela correspondência entre as duas últimas frases do v.11: “ali se celebram (as) justiças de Javé”, “justiças de camponeses em Israel”. A “justiça de Javé” e a “justiça de camponeses” são a mesma coisa. A *sedeq* “justiça” no Primeiro Testamento está unida às relações justas dentro da comunidade. Possui uma repercussão entre as pessoas, que inclui apoio mútuo.<sup>14</sup> Isto nos faz pensar que em Jz 5 a justiça se torna eficaz quando o povo faminto come, e depois celebra na sua prosperidade. O ato do povo baixar e invadir os portões (v.11) confirma a vitória camponesa sobre os palacianos.

Ao se fechar o v.11 como subunidade, uma nova cena se inaugura, agora nos v.12-18 que formam a segunda estrofe do corpo poético (v.6-23). O v.12 faz uma retomada do tema dos guerreiros (v.2), neste momento convocados para luta, deles se falará até o v.18. O assunto inicia com 4 verbos imperativos dirigidos a Débora, sujeito da ação: desperta! Débora, desperta!, desperta!, desperta! Observamos que a raiz *rw*;[ *vr* “despertar” no sentido de nosso canto está relacionada com o estímulo de adquirir coragem para a luta (Is 51,9), valor para tomar a espada contra os contrários (Zc 13,7). É,

---

<sup>14</sup> Conferir: K. Koch, Ser fiel a la comunidad, em *Diccionario teológico manual del Antiguo Testamento*, vol.2, Madrid, Cristiandad, 1978, p.649.

simplesmente, o oposto de estar dormindo, é um assunto de vigiar, empreender, animar e combater. Os dois últimos imperativos do v.12 são dirigidos a Barac, a quem se lhe encomenda capturar os prisioneiros de guerra: “Levanta Barac! e prende teus cativos, filho de Abinoem!”.

Imediatamente, o v.13 introduze os versículos (14-18), eles falam da reposta das tribos ao chamado de guerra. Aqui se mostra que os camponeses possuem o controle das montanhas, onde os palacianos não têm acesso com suas tropas. Os israelitas, e Javé com eles, são os que descem ao combate. Em seqüência de sentido, os v.14-15a, nos identificam esses guerreiros bravos: Efraim, Benjamim, Maquir, Zebulon, Issacar. Prosseguem os v.15b–17, que mencionam os que não participaram: Rúben, de quem se diz ter “grandes indagações de coração”, isto é, capacidade de julgar criticamente um assunto, o que está nas mãos das autoridades com poder de determinar sobre os demais.<sup>15</sup> No entanto, a Rúben se lhe questiona ter permanecido entre os apriscos (v.16), ou seja, cuidando de seus rebanhos. Tudo parece indicar que esta tribo não estava com tanta carência e, portanto, sem muita motivação para a luta.

Galaad também está na lista das tribos não apresentadas. Ela, ao invés de ser chamada pelo seu nome, Gad, situada na outra margem do Jordan, é nomeada pelo nome do lugar que ocupava. Há indícios de que os filhos de Gad, junto com os filhos de Rúben, ocuparam a terra de Galaad (entre Jazer e Jacob) por ser favorável aos rebanhos (Nm 32,1-2). Entre os não apresentados também se encontram Dã e Aser, ambas divisões relacionadas com mares e navios, uma atividade não agrícola e, assim, não dependente de produtos da terra como as tribos combatentes. Em suma, pela forma e conteúdo, observamos que existe uma realidade de migração e ausência, e que as tribos israelitas, longe de ser o ideal de uma sociedade fraterna, manifestam, no seu interior, divisões e autonomia.

---

<sup>15</sup> G. Liedke e F. Stolz, *hqq e leb*, em *Diccionario teológico manual del Antiguo Testamento*, vol.I p.869-870.

A subunidade de pensamento (v.12-18) termina no v.18 nomeando duas tribos combatentes: Zabulon e Neftali. É significativo o reconhecimento que se faz de Zabulon, o texto diz que se enfrentou para morrer. O verbo piel *hrf* “afrontar” na primeira frase do v.18 fornece a imagem de Zebulon como uma tribo que se lançou para combater com espada, ferir ao inimigo e vencê-lo. Em síntese, os v.12-18 nos fazem constatar que as tribos não combatentes, na forma do texto, ficaram como um sanduíche (v.15b-17) em meio das tribos guerreiras.

Os combatentes opostos aos guerreiros israelitas (v.12-18) são apresentados na terceira estrofe do núcleo poético (v.19-22). São chamados “cananeus”. A menção geográfica (v.19) nos ajuda na localização da guerra. Se Tanac é terra que tribos israelitas não puderam invadir (Jz 1,27) por ser lugar de ocupação estrangeira, que em época do bronze contavam com poderosos carros de ferros (Jz 4,7), tudo indica que uma luta aconteceu na aproximação do domínio dos inimigos dos israelitas, próximo às torrentes do Meguido (v.19b). O v.19, e sua alusão ao lucro, evidenciam os interesses econômicos de ambos os setores.

O v.20 diz de forças celestes que apoiaram os israelitas contra o palaciano comandante que a narração chama de Sísara. Esta situação é uma retomada dos v.4-5, que formam parte da introdução do texto, segundo nossa estrutura. Imagens como estas também encontramos em outras citações de referência, onde Javé utiliza recursos especiais para restar força dos poderosos. Os inimigos do povo de Javé têm carros de ferro, mas Ele fornece para seus combatentes: pedras feito granizo, eclipses que desconcertam (Js 10,10-14), passos que, como escudo, pulam para frente do que guerreia (Jz 4,14), Javé lança raios, lança flechas (Sl 18,14-15), e como diz nossa narrativa em Jz 5, Ele integra a força das estrelas na batalha, elas influíram na torrente do Quison para arrasar com os carros do exercito de Sísara (4,14-16; 5,21). Com este Deus guerreiro é mais fácil interpretar a última frase do v.21 cheia de otimismo: “marcha alma minha, vigorosamente!”, é a voz camponesa,

encorajando a situação. A subunidade (v.19-22) se fecha com uma cena que vai introduzindo a derrota dos galopadores (v.22).

Com a conclusão da terceira estrofe (v.19-22) do núcleo poético (v.6-23) se abre a última estrofe desta subunidade de sentido composta pelo v.23. Este versículo apresenta uma maldição contra Meroz por não ter colaborado com a guerra contra os palacianos. Esta cidade amaldiçoada foi difícil de identificar, mas se sugere o Qhirbet Morous ao Sul de Cades.<sup>16</sup> Segundo a opinião de Carlos Dreher, Meroz foi o grupo mais próximo a Israel. Dela se esperava um envolvimento maior a favor dos camponeses por ser equipada com exércitos. Mas não era seu interesse fazer isto porque, como os palacianos, estava desejando benefícios tribais.<sup>17</sup> Na narrativa do v.23, para aludir a Meroz, se utiliza o verbo *rr* "maldizer" três vezes, duas em forma imperativa e uma em forma infinitiva. Conforme ao significado desta raiz, este pronunciamento suporá para ela ser perseguida e alcançada pela desgraça. Sua presença será desgraçada e, ao mesmo tempo, carregará desgraça.<sup>18</sup>

O pensamento do núcleo poético (v.6-23) se fecha no v.23. Abre-se, segundo a nossa estrutura, uma nova cena que narra a morte de Sísara (v.24-27). Conceitos chave e oposto servem de coesão entre uma e outra subunidade. Se antes se maldiz (v.23) agora se abençoa (v.24). Se antes tivemos omissão de parte de Meroz (v.23) agora teremos participação de Jael (v.24). Vemos, pois, um assunto de não participação/maldição (v.23) contra participação/bênção (v.24).

Os v.24-27 nos falam da segunda mulher que o texto apresenta, Jael, antes mencionada no v.6 e em 4,17. Lembremos que este nome é estrangeiro. Ela pertence ao grupo dos quenitas (4,11). Talvez se trate de um grupo

<sup>16</sup> John Mackenzie, Meroz, em *Dicionário bíblico*, São Paulo, Paulinas, 1984, p.604-605.

<sup>17</sup> Carlos Dreher, A formação social do Israel pré-estatal – Uma narrativa de reconstrução histórica, a partir do cântico de Débora (Juizes 5), p.27.

<sup>18</sup> C. A Keller, *'rr* maldizer, em *Diccionario teológico manual del Antiguo Testamento*, vol.I, p.356.

nômade que, nas aproximações de Israel, também se encontrava afetado pelo pagamento de imposto aos palacianos (Gn 14,18).

O significado deste nome há de ter-se em conta: *ya'al*, na língua hebraica está relacionado com camurça, cabra montês. Em 1Sm 24,3 se utiliza o termo para falar das rochas das cabras monteses; em Jó 39,1 se emprega para referir-se ao parto de camurças e em Sl 104,18 se faz menção dos rochedos de refúgio para os ratazanas. Jael, pois, em Jz 5 pode ser apresentada como uma selvagem astuta com poder de seduzir o inimigo até rachar-lhe a cabeça (v.26).

Se Débora, espelho da narrativa feminina, canta em Jz 5, então são elas, as mulheres israelitas, as que abençoam uma parceira estrangeira, a que tem violado a lei da hospitalidade judia (Jz 19,16-24). Débora compartilha, com Jael, seu lugar teológico na história. O texto, novamente, nos lembra o espaço de atuação cotidiana das mulheres convertido no cenário militar, antes nos poços (v.11), agora na tenda (v.24); aqui a estrangeira apanhará o martelo (v.26) para dar o golpe de graça a Sísara que medroso, foi-se refugiar no lugar errado, no lugar da cabra selvagem.

A cena que revela o v.25 é muito bela, cheia de conceitos antropológicos. Sísara pede água, Jael duplica o gesto de acolhida e lhe oferece leite feito creme em copa de nobres. Ela conhece, pelo que faz, a identidade de Sísara, proveniente do palácio. Ainda na prosa de 4,18, Jael lhe diz: fica, meu senhor, comigo. A narrativa confirma que Sísara confiou, e até manifesta certo caráter de sensualidade. Mas a importância do acontecimento aumenta ao localizar Jael dentro do texto, em meio de duas mães: a de Israel (v.7) e a de Sísara (v.28). Neste sentido, Jael seria a mãe que mata (v.26) para garantir sua vida e a vida daqueles que não pariu, os filhos da Débora, a mãe de Israel.

No v.26, 4 verbos, em tempo perfeito, dizem o que fez a mão direita de Jael, com um martelo, na cabeça de Sísara: golpeou, quebrou, quebrou, atravessou; imediatamente a conseqüência dos fatos aparecem através de 7



verbos em tempo perfeito: desabou, caiu, ficou deitado, desabou, caiu, tombou onde desabou; a subunidade se fecha com outro verbo, agora passivo, que é a conclusão da cena concernente Sísara, ele morreu (v.27). Com esta morte se confirma a vitória camponesa.

Observemos que os v.28-30 apresentam, segundo nossa estrutura, a confusão da mãe de Sísara e suas donzelas. Como vimos, a mãe de Sísara é a terceira mulher mencionada no texto, a ela se unem suas jovens. Esta mãe se encontra em contraposição com a mãe de Israel (v.7) e com Jael, a parceira da Débora. Aliás, a subunidade está indicando um contraste entre mulheres e lugares cênicos: Débora e Jael, mulheres de ações e autônomas (v.12. 26) versus a mãe de Sísara e suas donzelas, passivas e dependentes, que esperam atrás das grades os resultados da guerra (v.28). Achamos mulheres envolvidas no povo (v.24) e outras aguardando no palácio (v.29). Observamos umas que empreendem para conquistar (v.11), e outras que esperam para receber (v.30). Temos mulheres sábias e mulheres bobas. Reparemos que a mais sábia das donzelas da mãe de Sísara, só sabe aumentar erradamente a perspectiva de um triunfo que não existe (v.30). Este versículo lembra-nos a prática dos soldados vencedores de carregar as mulheres dos povos invadidos (Is 49). Também nos recorda, o já dito sobre o século 12 e seu desenvolvimento artesanal. Aqui temos mãos camponesas na produção de tecidos que as mulheres palacianas pensaram pendurar em seus pescoços fruto do saque de guerra. O texto começa a se fechar e elas continuam esperando...

Na forma conclusiva, o versículo 31 tem cheiro de acréscimo posterior. Ele funciona como anátema final para os que se convertem em inimigo do povo de Israel, os mesmos inimigos de Javé. Com um Deus guerreiro mandando bala, melhor não se meter.

### ***Bibliografia***



ALONSO SCHÖKEL, Luis, *Diccionario bíblico hebreo – español*, Valladolid, Trotta, 1994, 908p. (em português: *Dicionário bíblico hebraico-português*, São Paulo, Paulus, 3ª edição, 2004, 798p.)

BRENNER, Athalya (editora), *Juízes a partir de uma leitura de gênero*, São Paulo, Paulinas, 303p.

DREHER, Carlos, A formação social do Israel pré-estatal – Uma narrativa de reconstrução histórica, a partir do cântico de Débora (Juízes 5), em *Centro de Estudos Bíblicos*, n.49, São Leopoldo, CEBI, 1992, p.4-41

DREHER, Carlos, O livro de Juízes, em *Centro de Estudos Bíblicos*, n.87, São Leopoldo, CEBI, 1995, p.3-26

KIRST, Nelson; KILPP, Nelson; SCHWANES, Milton; RAMANN, Acir e ZIMMER, Rudi, *Dicionário hebraico – português e aramaico – português*, São Leopoldo/Petrópolis, Sinodal/Vozes, 2004, 305p.

MACKENZIE, Jonh, *Dicionário bíblico*, São Paulo, Paulinas, 5ª edição, 1997, 979p.

NOTH, Martin, *O deuteronomista*, Fortaleza, Nova Jerusalém, 1993, 228p.

REIMER, Haroldo, Leis de mercado e direito dos pobres na Bíblia Hebraica, em *Estudos Bíblicos*, São Leopoldo/Petrópolis, n.69, 2001, p.9-18

SOLANO, Alexandre, O lado feminino da guerra – Uma leitura de Débora, em *Revista Caminhos*, Goiânia, vol.4, n.2, 2006, p.277-295

SCHWANTES, Milton, *Josué – Juizes*, notas das aulas no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Faculdade Metodista de São Paulo, Primeiro Semestre 2008

WESTERMANN, Claus e Ernst JENNI (editores), *Diccionario teológico manual del Antiguo Testamento*, Madrid, Cristiandad, 1978, 1274p. (vol.1) e 1328p. (vol.2)

WONG, Gregory T.K., Song of the Deborah as polemic, em *Biblica*, Roma, v.77, n.1, 2007, p.1-22

ZABATEIRO, Paulo, Representações de identidade e etnicidade do Antigo Israel, em *Revista Caminhos*, Goiânia, vol.4, n.2, 2006, p. 253-276